



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:—Alberto Pimentel; Alberto Telles; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana.—*Poemas portuguezes*, por D. Guiomar Torrezão.—*Os inglezes*, por Camillo Debans.—*Impressões de Paris*, por S. B.—*Nora Diana*, versos, por Alberto de Oliveira.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (passatempo).—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Invocação ao sol* (fragmento), por Manuel d'Arriaga.—*Os peregrinos*, conto, por Raul Brandão.

GRAVURAS:—*Maria Judice da Costa*.—*O duque de Montpensier*.—*O duque de Orléans*.—*A princesa Margarida*, noiva do duque de Orléans.—*Duque de Luynes*.—*A cellula da duquesa de Orléans na «Conciergerie»*.—*O rei de He-panha*.—*Emilia Corsi*.

CHRONICA

Oscilla entre 249 e 250 contos a grande subscripção nacional, entrando n'essa somma os cem contos votados pelo municipio de Lisboa e uma verba aproximadamente igual, com que subscreveu para a defeza da patria a familia d'el-rei o sr. D. Carlos.

Temos, pois, que os habitantes do paiz—excluidas aquellas duas importancias mais avultadas—enviaram apenas para os cofres da grande subscripção (continuemos por euphemismo a chamar-lhe grande) a cifra redonda de 50 contos, menos do que se votou ás victimas do incendio do Baquet, muitissimo menos do que se deu para os inundados—uns felizes, por fim de contas—e para as familias dos que pereceram na catastrophe do *Ville de Victoria*.

Que isto diga que o patriotismo portu-



tas anti-ministeriaes e de que se alardeiou tanto nas ruas, anda cotado por preço inferior ao da commiserção que provoca o incendio d'um theatro ou o naufragio d'um paquete.

Triste patriotismo esse, que, dois mezes depois de despertado por uma rude affronta, vem evidenciar-se á face do mundo com a ridicula offerta de cincoenta contos de réis, feita a Portugal, para se armar contra as aggressões do estrangeiro.

Tristissima revelação essa do nosso amor cívico, que não chega nem para comprar um misero guarda-costas, quanto mais para defender a integridade d'um territorio!

A grande subscrição nacional! Olha que riqueza! E para isso, e para que alguma coisa cabisse no migalheiro da patria villipendiada, foi preciso que subscressem reis e principes, as primeiras entidades de cujo patriotismo se duvida e cujos sentimentos generosos todos os dias se achincalham nos infimos bordeis da politica.

Se não fosse assim, o obulo dos patriotas dadivosos chegaria quando muito para mandar entretecer no Pexe uma corôa de saudades e martyrios, com que se adornasse, em dia de finados, a sepultura da dignidade do paiz.

E já que essa dignidade está morta, melhor fôra fazel-o, sem chamar para o caso as sombras venerandas de Camões e Vasco da Gama, que nada teem que ver com a nossa decadencia e com a nossa vergonha.

Comprar torpedeiros e couraçados! Chegou-se a pensar n'isso, creio eu, como as creancitas pensam em comprar o mundo inteiro, com o producto das *étrénnes* collido entre as munificencias da familia.

Comprem antes flores, muitas flores, e atapetem com ellas o solo da patria. Faz-se isso á sepultura dos mortos que se estimam, e não é coisa de que o estrangeiro possa rir-se.

Para uma tal homenagem, singelissima e modesta, o que se apurou em dinheiro chega e sobra talvez.

Mas acabem, por Deus, com essa subscrição grotesca e offensiva do brio nacional. Fechem isso, que é deprimente e irrisorio. Não consintam os patriotas devotados e de consciencia, que o paiz esteja posto em leilão a quem menos dê por elle, nos salões do theatro de D. Maria, onde nem sequer falta, para tornar bem frisante o simile, a bandeira com que é de uso annunciar a hasta publica á gente que passa.

Eu dou muito mais pelo patriotismo silencioso e reflectido, por aquelle que só se põe em evidencia nos casos extremos, mas que, ao evidenciar-se, salta por cima de tudo e é capaz de todos os sacrificios e de todas as heroicidades.

Acima da patriotice ridicula dos que vociferam e descompõem insensatamente, dos que promettem dar mundos e fundos e afinal não dão nada, colloco eu, por exemplo, o patriotismo do governo, do que ahí está, do que se foi, do que vier amanhã, de todos a quem fôr confiada a missão de defender os nossos interesses e de salvaguardar a honra do nosso nome.

Nenhum d'esses governos, seja elle qual fôr, é capaz d'uma indignidade e d'uma baixeza, embora seja susceptivel de praticar um erro funesto.

Qualquer d'elles prefere, a deshonrar-se ou a villipendear-nos, sair honrado do poder que se lhe confiou.

E pensa, e estuda, e reflecte, e trabalha, e negocea de Estado para Estado, e dá-se a improbas tarefas no remanso do seu gabinete, e procura por todos os modos defender o nosso direito, mesmo em face da força brutal que o assoberba.

Quando, cá fóra, os especuladores politicos, de camaradagem com a mocidade ardente das escolas, rugem improperios e se desentranham em rajadas audaciosas, ignorando o estado das negociações ou a grandeza dos esforços empregados pela diplomacia em prol da dignidade de nós todos, elles, os representantes do poder, trabalham, pensam e luctam.

Não podem fallar, porque a gravidade da sua posição excepcional e melindrosissima lh'o prohibe; não podem soltar uma palavra, porque, ás vezes, uma unica palavra basta para comprometter seriamente questões delicadas; mas a sua alma está com a alma do povo; vibra com a mesma intensidade e com egual enthusiasmo.

Esse, a meu ver, é que é o verdadeiro patriotismo. O outro, o que se exhibe por ahí nas ruas, nos cafés, nos theatros e n'uma grande parte da imprensa, de envolta com insultos e parvoçadas que estão a pedir repressão em nome do decoro publico, — o outro não vale nada.

Accordamos n'uma bella manhã, com os ouvidos ainda cheios de baforadas de patriotismo colhidas em qualquer platéa dos nossos theatros populares, e lemos nos jornaes esta desoladora nova:

«A expedição, que o anno passado foi para o lago Nyassa, e cujos chefes eram o tenente Valadim e um aspirante da alfan-dega, foi passada a ferro proximo d'aquelle lago.

A expedição compunha-se d'aquelles dois individuos, 50 landins e mais 250 negros. Ao todo, 302 homens. Pois assegura-se que não escapou um só!»

A' noite, indagamos, pressurosos, se o brio nacional, aguçado por aquella tristissima noticia, se desatou em manifestações valiosas, de utilidade pratica. Procuramos saber se o paiz, alvorçado por um acontecimento doloroso, vasou nos cofres da grande subscrição mais dois mil contos para avigorar e fortalecer a defeza dos nossos compatriotas em Africa.

Mas o paiz entretivera-se apenas em applaudir na Rua dos Condes as *Côres da Bandeira*, de Lopes de Mendonça, e na Alegria a *Torpeza*, de Campos Junior. Soltára muitos vivas aos nossos africanistas benemeritos, enrouquecera victoriando o hymno patriótico d'Alfredo Keil, e lançára na caixa da subscrição nacional mais... dez tostões!

N'outra manhã, telegrammas assustadores, fallando vagamente em «fé punica e traição infame», dizem-nos que os inglezes nos expulsaram da Mashona e do Chire, arvorando ali a sua bandeira, o occupando Chilomo.

E' gravissimo isto; é a alteração desleal do *statu quo*; é uma infamia tanto mais revoltante, quanto a Inglaterra a pratica no momento em que com ella proseguem as nossos negociações directas.

As folhas republicanas insurgem-se contra o torpe attentado. Os patriotas, á noite, redobram de enthusiasmo nos applausos consagrados á peça de Lopes de Mendonça, e no dia seguinte a grande subscrição nacional acha-se avultada... com mais 600 réis.

Eis tudo.

Quando ahí appareceram as primeiras noticias da affronta que nos foi infligida pelo bretão perfido em Africa, e do valor incomparavel com que Serpa Pinto, Alvaro Ferraz, Paiva d'Andrada, Victor Cordon, Antonio Maria Cardoso e Azevedo Coutinho teem arrostado perigos enormes nas ingratas regiões africanas, julgavamos nós que os nomes gloriosos d'esses seis benemeritos se impunham por si á adoração e ao reconhecimento da patria.

Essa crença, ou antes essa esperança ridentissima, foi-se-nos pouco a pouco avigorando. Por instantes, monarchicos e republicanos pareceram-nos perfeitamente unidos, pois que só da patria offendida, e não de politica partidaria se tratava. Uns e outros tinham apenas um idolo, a quem erguiam na imprensa, na rua e nos comicios, vivas apaixonados e ardentes. Esse idolo, esses idolos, eram os seis valentes africanistas cujos nomes vimos de indicar.

Lembraram-se os monarchicos um dia de propôr aos seus adversarios que seria eloquentissimo e digno, como desaggravo, como prova de gratidão indelevel, votar Lisboa em pezo n'aquelles portuguezes illustres. As eleições iam fazer-se. A Europa culta applaudiria a nobreza do acto por nós praticado.

Pois o que pensam que fez a grande massa republicana de Lisboa, a mesma que já tinha os pulmões derreados e enfermos de victoriar Serpa Pinto, de levantar vivorios a Alvaro Ferraz? Mandou os africanistas á tabua, preferindo-lhes o sr. Latino Coelho, o sr. Manuel d'Arriaga e o sr. Fernando Palha.

Preferiu estes, por patriotismo, é claro, e elles, por patriotismo, tambem, foram acceitando.

Ahi está um dos capitulos mais picarescos da historia da nossa decadencia. O epilogo não se fará esperar. Está talvez menos longe que os bellos dias d'essa patifa da primavera retardataria e teimosa, ricos de sol e de luz, que parece não quererem deliciar-nos, talvez com medo de que a Inglaterra os arrebathe n'algum impeto de cobiça desenfreada.

POEMAS PORTUGUEZES

(IMPRESSÕES DE LEITURA)

Poucas vezes, como em relação a Luiz Osorio, terá tido uma tão justa applicação o velho axioma de Boileau,—o *estyló* é o *homem*.

Os *Poemas Portuguezes* reflectem, como um limpido espelho, a individualidade do autor.

Não pensem que me refiro exclusivamente aos dotes do escriptor; pelo contrario, alludo especialmente ás qualidades do homem, á hombridade do seu character, á altiva honestidade da sua existencia votada ao estudo, á delicada essencia da sua alma ainda não contaminada pelo shopenhaurismo germanico, onde continuam a vibrar os generosos enthusiasmos da fé, onde florescem ainda as vigorosas illusões da mocidade.

No meio d'osta lugubre derrocada de crenças, de symbolos e de deuses, Luiz Osorio protesta, pela simples e victoriosa força das conveções, contra o artificioso scepticismo da sua geração, alastrando progressivamente a sua vegetação corrosiva, exuberante de fructos ephemeris que se desfazem em cinzas, como os do lago Asphaltite.

Ouvil-o conversar, é sentil-o vibrar do impetuoso ardor dos novos que acreditam ainda no futuro, na realisação do bello, na idealisação do bom, nos cultos que produzem heroismos, nas impulsivas e indomitas aspirações, que levantam montanhas.

«Enthusiasta como sou e não me envergonho de o ser da terra onde nasci,—diz-nos elle no prologo do seu livro—tudo o que tenda a *individualisar* o meu paiz, conquistando-lhe, quanto possivel, o maior direito de viver, encontra em mim um sincero e verdadeiro fanatico. Fosse este livro um dos porticos, embora acanhado e mesquinho, que provocasse as attentões de outros poetas, para a larga e radiante estrada, que mal tentei, e de bom grado me sumiria eu completamente na sombra, para dar lugar a essa cohorte de trabalhadores de maior vulto.»

Luiz Osorio pensa, como eu, que a arte, qualquer que seja a sua manifestação, é profundamente subjectiva e intuitivamente independente.

O seu bello talento, serenamente educado no convívio dos classicos e no amor do torrão natal, repelle, indignado, tutelas espurias e despotismos escolares.

Elle entende que a sensibilidade, toda pessoal, que palpita na obra do artista, constitue o segredo da absoluta e illimitada identificação que deve existir entre o operario que escreve e a massa collectiva do publico que lê.

E consciente com o alto ideal que lhe norteia o espirito, o poeta afirma-o em cada um dos versos, naturalmente e sinceramente sentidos, que brotam sem esforço da sua alma de crente. Acaricia-nos o ouvido e dulcifica-nos o coração esta poesia harmoniosa, livre de flagelações torturantes, deslizando espontanea, no fresco murmúrio da agua cantante, de uma limpida transparencia de crystal polido.

Oigam-o:

Pedir a alguém que nos ame!
É coisa tão natural:
—Pedir ao sol que derrame
Um raio n'um tremedal!

Desgraçado de quem vive
Nas trevas d'immensa noite,
Sem encontrar, no declive,
Um olhar que o seu acoite!

E, n'um impeto nervoso,
Apertava contra o peito
Um sonho azul e formoso
Que lhe tombava desfeito.

Triste de quem, dia findo,
Chega ao templo gelado,
Sem poder dizer, sorrindo:
—«Sim, amei, e fui amado!»—

O auctor das *Neblinas* e dos *Poemas portuguezes* soffre, como todos os verdadeiros artistas, a influencia do meio de que nos falla Taine.

Como se percebe que o espirito de Luiz Osorio não emplumou na Havaneza nem foi baptisar-se no Jordão-absyntho do Martinho!...

As visões que o enlevam teem a serenidade contemplativa e a gravidade melancolica da sua paizagem beirôa. Em muitos dos seus versos, primorosamente esculpidos, tocados com uma fina sciencia de colorista, sente-se o zoar do vento nas carvalheiras e o cair dolente da noite estrellada nos rendilhados cerros e nas copadas ramarias...

Defrontemos, ao acaso, com uma das suas telas bucolicas:

Agosto. É meio dia. O sol attinge o prumo.
Sumiu-se pelo azul, espiralado em fumo,

Todo o fogo do lar, vivificante e calmo.
O ambiente abraçador domina palmo a palmo.

O sol—o velho rei,—na tunica robusta,
Morde, comprime, escalda a natureza adusta.

O jornaleiro dorme. A terra hiante é um forno.
Somnambulisa o ar um véu pesado e morno.

O casal,—um botão que ao rez d'uma alea espreite,
Sonha á beira da estrada um sonho cor de leite.

Sob o docel em flôr d'um jasmineiro branco,
A flôr d'aquella casa, olhar aberto e franco,

Caminha, lesta e viva, em direcção á nora.
Leva um cesto de roupa e quer laval-a agora.

Chegou. Depõe o cesto á ourela da agua estanque,
E, minutos depois, cresce a cruda no tanque.

A lymphá, que ao tropel e em jorro se desata,
Lembra um diamante ao sol. É uma fusão de prata.

Expõe, dobrando a manga, os braços nús, vermelhos,
Aperta a breve saia nos tumidos jelhos;

Pega n'uma camisa e vae banhal-a... Então,
Levanta se uma aldabra e surge um rapagão.

N'este bello livro, de que estou tratando, Luiz Osorio inicia um genero de poesia, inteiramente novo, o dos contos em verso. É cada um d'estes contos, de uma adoravel singeleza, de uma casta sobriedade, dá-nos a viva sensação do quadro surprehendido em flagrante.

Alguns d'esses quadros evocam ante o nosso olhar fatigado, como as frescas e rubidas paizagens de Corot, o pleno campo em flor, e como que nos lavam a alma em um banho de luz e perfumes.

Como já disse, o eminente poeta é um crente; mas a sua crença, impregnada de um mysticismo pantheista, não tem a menor affinidade com o optimismo dos Pangloss ingenuos.

É uma fé robusta, harmonicamente deduzida, concatenada por uma razão austera, expandindo-se no thuribulo de oiro do *Panitet*, *Cathedral*, *A velha cruz*, etc.

A complexa physionomia do auctor dos *Poemas portuguezes* justifica mais uma vez a phrase: «*l'artiste est un être double, à la fois homme et femme.*»

No vasto teclado d'essa fantasia, profundamente musical, vibram todas as notas: a viril epopeia, a saudosa elegia, a infavel ternura pela infancia, nas *Alvoradas*:

Fui hontem ver a minha sobrinhita.
Brinquei tanto, meu Deus! Na despedida,
Do seu labio purpureo, distrahida,
Collou-me á face a pequenina fita,

e o roseo idyllio, na *Larangeira*, que fica gorgendo amorosamente no ouvido, como um preludio de Bach:

Das tuas folhas o estylete agudo
Tambem me alembra o topo dos cyprestes...
Ah! mas a eburnea flôr,—doce velludo,
E' bem que ao sonho virginal a emprestes!

Ah! mas a flôr do delicado aroma,
Que afoga em ondas o teu vivo manto,
Evae beijar-te a verde-negra coma,

Que sonho meigo, e que sagrado encanto!
Augusto emblema da manbã que assoma,
Do que ha de bello e bom e casto e santo!

Felicito vivamente Luiz Osorio pelo seu livro glorioso e agradeço-lhe a sua dedicatória gentilissima.

GUIONAR TORREZÃO.

OS INGLEZES

Post-scriptum da Ruina de Inglaterra

Depois de ler estas trezentas paginas, mais d'um leitor me perguntará: odeia então os inglezes?

Se eu fosse diplomata ou hypocrita, responderia, com circumloquios attenuantes, que se pôde odiar uma nação sem se ter animosidade alguma contra as individualidades que a compõem. Mas só são evasivas. Não sou nem diplomata nem hypocrita; e como a palavra franqueza tem por origem o proprio nome do nosso paiz, declaro francamente: sim, detesto os inglezes, detesto-os como governo, como povo e como homens.

Quero-lhes mal, primeiro, porque nos odeiam cordialmente e mostram-n'o a cada momento. Mesmo sem estas razões eu lhes quereria mal, porque são incommodos; porque se mettem sem cessar no que lhes não deve importar para nada; porque mal põem pé n'um paiz que lhes não pertence, tratam-n'o como terra conquistada; porque não são honrados nem politicamente, nem commercialmente, nem humanamente; porque não são delicados nem em Inglaterra nem em nenhum outro paiz; porque quaesquer relações com os inglezes são detestaveis na nossa terra, na terra d'elles, em outra terra, em toda a parte.

Vejamol-os na nossa terra.

Os inglezes espalharam-se por todos os continentes como as sardinhas por todos os mares, aos cardumes. Só em França formam legiões; ha um cardume em Bolonha, um em Dunkerque, um em Fecamp, um em Dinan, um em Touraine, um em Nice, um em Cannes, um em Montpellier, um em Pau, um em Arca-chon, etc.

Desde que um subdito de Sua Graciosissima Magestade mostra os seus dentes de cavallo no canto da Europa, esse canto não pertence mais aos naturaes do paiz; depois d'aquelle veem dois, depois quatro, depois cem. E' como um eczema que se põe a roer a região.

E sabem porque é que os inglezes se entregam assim á exploração dos pontos virgens de visitantes? E' para disfructarem a barateza dos generos que a sua presença faz encarecer immediatamente. De modo que pouco a pouco, com o fim de viverem commodamente com os seus pequenos rendimentos, infestam e envenenam o nosso paiz, no qual não ha hoje uma aldeia onde um velho capitão possa viver com o seu soldo de reformado.

Respondem-me com a economia politica. Decantam-me a alegria de ver o dinheiro britannico cahir nas algibeiras francezas. Importa-me bem com isso, se o accrescimento do que ganho está na razão directa do que sou forçado a gastar.

E realmente são muitos, são demais. Multiplicam-se e palulam como harenques.

mos, não é verdade, que em troca elle consentisse em nos deixar tranquillamente tratar dos negocios civis, religiosos e politicos?

Não. Não podem. Quando eramos um povo poderoso que não se deixava pisar sem replicar com um tabefe, os filhos da livre Inglaterra e o seu governo conservavam-se muito socegradamente no seu lugar. Mas desde que os destinos das batalhas nos foram contrarios, John Bull, esse heroe, não sabe intrepidamente o que ha de imaginar para nos fazer sentir o peso das derrotas que elle era incapaz de nos infligir.

Queremos mecher um braço?—Alto lá! exclama John Bull. Temos vontade de ver o que se passa diante de nós?—Opponho-me a isso, declara apressadamente. Vamos á Tunizia:—Ah! não sei se deva permittir. Estavamos no Egypto: tira-te tu d'ahi, para eu entrar. Mas prosigamos:

Temos uma questão com o Tonkin? John Bull mette-se no meio e declara que os seus interesses estão arriscados se desancamos a China. Queremos enviar os nossos reincidentes para a Nova Caledonia?—Isso é que não! grita John Bull; os filhos dos antigos forçados de Sydney veriam n'isso uma vergonha. Abriremos o canal de Suez? John Bull surripia-o e leva a effeito este acto de gigantesco pickpocketismo, como um sacerdocio. Está-lhe na massa do sangue.

Ha oito dias, um vapor francez, *A cidade de Tanger*, escangalhou o helice e reclamou o auxilio d'um Inglez, em pleno Mediterraneo, pedindo-lhe para o conduzir a um porto visinho. John Bull pede cento e vinte mil francos para prestar este serviço e deixa perdido o navio, que não pôde pagar tão caro tres horas de reboque! Honrada gente!!!!

Não ha em tudo isto motivo para odiar os inglezes, essa nação que não tem uma unica virtude, que não tem senão interesses?

Quando se levantaram contra a escravidão dos negros, foi porque tinham milhões de Indios para utilizar. Hontem, ainda elles percorriam toda a Africa para matar os mercadores de escravos, combatendo pela santa causa da humanidade preta.

Mas o Sudan revolta-se, e Gordon o Chinez, Gordon-Pachá, um dos seus mais ardentes purificadores dos povos, corre a Karthoum e proclama o direito de ter escravos no dia seguinte á sua chegada.

—Procedo no interesse da Inglaterra! diz elle aos que se espantam.

O' virtude!!

Hewet e Graham não pôdem dar cabo d'um heroe chamado Osman Digma. A' frente de alguns milhares d'outros heroes, sem espingardas, sem canhões, elle espera, ataca, abala e repelle os exercitos de Sua Magestade. Que faz Hewet? Põe a preço a cabeça do seu adversario. Envia emissarios carregados de ouro para semear a divisão entre o seus inimigos e comprar as consciencias turvas. Não tendo força para vencer quando não teem um cumplice como Arabi em frente d'elles, estes bravos fomentam a covardia, excitam os instinctos cubicosos e pedem o seu triumpho á mais revoltante das traicões.

E eis a lealdade d'esses carthaginezes.

CAMILLO DÉBANS.

IMPRESSIONES DE PARIS

Creio que noventa e cinco por cento das pessoas que nunca foram a Paris, reputam como o maior acontecimento da sua vida a realisação do seu aureo sonho, isto é, uma visita á grande capital do mundo civilizado.

O que se tem dito e escripto sobre Paris, santo Deus! é para provocar desejos nos mais indifferentes das cousas do mundo, aos proprios mortos, até!

Reflictei-me n'aquellas noventa e cinco pessoas sobrecom-



DUQUE DE MONTPENSIER

melli-me n'uma pessima carruagem de 1.^a classe, rezei tres vezes o *Credo*—se soubessem o medo que me assalta ao transitar pelo caminho de ferro!—e durante tres dias confiei que o milagre da força elastica do vapor d'agua me poria são e salvo em Paris. O vapor fez o seu dever. Como será Paris,—perguntava a mim proprio, quando a uma legua da assombrosa capital avistei esse disparate de ferro arvorado em reclamo universal chamado a torre Eiffel!?

Paris deve ser Lisboa em ponto grande, com casas mais bem feitas que as da nossa Avenida, visto haver ali o *architecto*,—entidade desconhecida em Portugal—com jardins mais amplos que os nossos, com muita gente pelas ruas, mas a final de contas uma cousa que não ha de ser tão opposta á capital do *jardim da Europa*, como uma aldeia de botucudos o deve ser ao Cairo ou a Constantinopla.

E firme n'esta minha convicção, cada vez era mais pronunciada a anciedade de poder fazer o confronto entre Paris e as cidades um tanto civilisadas que eu tinha visto até ali.

Devo confessar-lhes, porque em summa, um escriptor bom ou mau que seja, deve ser sincero nas suas confissões, devo confessar-lhes, repito, que a minha primeira impressão de Paris não foi das mais agradaveis.

E' a gente despejado por uma *gare*, que nada tem de notavel; e depois, um modesto carrinho de um só cavallo arrastando por umas poucas de ruas, rasoavelmente calçadas, que se parecem com centenas de ruas por onde nós temos transitado já muitas vezes durante a nossa vida, e até com o incidente comico de um bello trambulhão, em pleno *trottoir*, apimentado pelas casquinadas de riso dos gaiatos transeuntes.

—Mas então onde diabo está essa apregoada alegria de Paris, com que me tem matado o bichinho do ouvido, desde que me entendo? perguntava eu ao Carlos Reis, um pensionista do governo portuguez, e que ha de ser uma gloria da nossa pintura. Todos os edificios se me apresentam mascarrados de negro, dando-me a sensação de lapuzes que andam na descarga do carvão.

As construcções desenhavam-se-me sob um typo uniforme; as ruas são todas irmãs-gemeas, muito parecidas entre si; d'este *boulevard* se pode dizer que não ha nada que mais se pareça com elle do que qualquer outro *boulevard*, e sobre isto tudo um sol baço, muito favoravel a tísicos, e de quando em quando uma batega d'agua de nos encharcar até aos ouvidos—em Agosto, note-se!—acolytada por um friosinho traíçoeiro... ora adeus! isto não é uma cidade digna de se acavallar nos cónos da lua!

—Pois sim, dizia o Carlos com o seu ar fino de sceptico e artista, quando voltares a Lisboa, dize-me depois o effeito que te fazem os predios pintalgados de amarello, sangue de boi, azul ultramarino e verdellhão!

As côres barrentas dos nossos edificios provocam-me ás vezes atavismos de selvageria, é certo, mas em geral, o pittoresco das côres menos fatigantes á vista, o pittoresco da diversidade de typo das construcções—sem deixar de concordar que algumas são positivos disparates de argamassa e cantaria—coadjuvado por um clima benevolo e favorecedor de prolongados symptomas de luz, prende-me a esta tentadora Lisboa, que embora incapaz de correr o páreo com qualquer das outras capitães para lá dos Pyrenéos, tem o *coquettismo* preciso para nos seduzir e fazer desdenhar do que ha de bom por esse mundo fóra.

A alegria de Paris está na rua, está na sua gente, nos seus costumes. A condensação de todas essas alegrias esfuzia no *boulevard*.

Se o dia está benigno, pode a gente sentar-se a uma meza, na rua,—na *terrasse*, como os parisienses pomposamente chris-maram os passeios lateraes,—e comer o que o appetite lhe suggerir.

E que bem que se come em Paris! Passa todo o mundo deante de nós. Os estrangeiros são curiosos; mais o são os parisienses.

Se vão em grupo, a sua conversa denota animo seguro e consciencia da sua força. Raro se distingue a *physiognomia* de um *vencido da vida*, porque o francez, enquanto sente dez réis de sangue nas veias, lucra, porfia, trabalha, mesmo que elle seja de estatura que será nullo um *metaphysico* a respeito de

e exalta a mercadoria que nos quer impingir quando nos sent bem dispostos, tomando a nossa bebida ao ar livre!

A palinodia de que o *camelot* se serve, é por si um symptoma do seu bom humor e da coragem com que supporta os revezes da sua ingrata industria. Nunca vi um d'esses individuos com a cara de *pobre diabo* que apresenta o nosso vendilhão ambulante. E' verdade que este leva a sua resignação christã ao ponto de se deixar morrer de fome, enquanto que o outro, se as *aguas se turvarem*, apparece-nos um bello dia no *Hotel de Ville*, fardado de communista, a castigar a ferro e fogo as insolencias da burguezia endinheirada.

E' um tanto monotona, desprovida mesmo do pittoresco da cidade antiga, a Paris de hoje?

A culpa está nas exigencias da moderna civilisação, que não vê a esthetica senão atravez da regua, do esquadro e da bandeirola.

Que importa? A alegria communica-lh'a uma população cheia de vida e de confiança nos destinos da sua raça, uma população que se fortifica e ennobrece pelas revoluções feitas por *artes magicas*, permitta-se-nos a expressão, um povo que afirma as suas tendencias e qualidades artisticas desde a disposição dos objectos mais prosaicos de uma *charcuterie*, até á colleccionação de obras de arte, pagas a peso de ouro muitas vezes, nos museus; um povo, em summa, que na hora precisa esquece as commodidades de uma vida cheia de encantos, e marcha, soltando dos labios a *Marselheza*, para o campo da batalha, em defesa da patria, certo de que ali irá encontrar a morte, como premio do seu instinctivo civismo!

Paris, cheia de museus onde se pôde estudar a arte em todas as suas evoluções; de jardins, onde ranchadas de creanças exhibem as graças proprias das suas edades, e onde se familiarisam com todas as manifestações da natureza animal ou vegetal; de monumentos, onde se divisa o genio de uma nação intelligente entre as mais inteligentes, e pairando sobre estas coisas feitas pelos homens, o contentamento de dois milhões e tanto de individuos, que trabalham para não se deixarem vencer pelas surpresas da *Adversidade*, é positivamente uma capital encantadora!

S. B.

NOVA DIANA

Laura, uma vez, do banho morno a *lympha*
Deixando—espelho da belleza sua,
Como as *nymphas* pagãs, soberba *nympha*,
Entrou no bosque inteiramente nua.

Lêra que assim, n'um tempo já distante,
Erravam pelo matto as deusas bellas;
E d'esse dia na manbã brilhante
Quiz n'isso ao menos semelhar-se a ellas.

E havia em tudo n'aquella hora, em tudo,
N'agua, na sombra, na folhagem fria,
Na flôr, nas plantas, no rochedo mudo,
Uns como visos de *mythologia*.

E plantas, agua, flôr, verde folhagem,
Vendo-a surgir, como se ao tempo fóra
Em que de Diana lhes sorria a imagem,
Julgaram-n'a a formosa caçadora.

O mesmo portel o mesmo gesto lindo!
A mesma cabelleira ondante e flavel!
A' mão, dobrado,—como um sol, luzindo,
O arco de ouro também lhe faltava.



O DUQUE DE ORLÉANS



DUQUE DE LUYNES



PRINCEZA MARGARIDA



A CELLULA DO DUQUE DE ORLÉANS NA «CONCIERGERIE»

Alvoroça-se o bosque, e em borborinho
Continuo e vario palpitante sôa,
E em cada moita garganteia um ninho,
De cada ninho sae um'aza e vôa.

E tudo canta! accordam de repente
Todas as cousas que dormindo estavam,
E cantam! cantam, como antigamente,
Nos bons tempos da Hellade cantavam.

E ella, esplendendo em toda a formosura,
Núa lá vae!... Lasciva e meiga, a espaços,
A liana em flôr estreita-lhe a cintura,
Cinge-lhe as fôrmas n'um milhão de abraços.

E de subito o sol por uma aberta
Surge, e espalha dos raios o thesouro;
E ella aparece ao sol, toda coberta,
Toda coberta de seus raios de ouro.

E illumina-se o quadro. Como um bando
De servas, a seus pés as sombras descer;
Pouco a pouco, depois, vão se afastando...
E de rastros no chão desaparecem.

E ora em pleno esplendor, que mais similha
Leve tunica, lubrico arrepio,
Corre-lhe as carnes, como uma centelha,
Como o fremito lubrico de um rio.

As aves, que dois fructos suppozeram
Serem-lhe as pomas, de uma tez mimosa,
As pomas virginaes, picar-lhes vieram
Com o roseo bico os bicos côr de rosa.

E ouviu-se ao bosque, e decoral-a aprouve
A mim, que a alma das cousas sendo attento,
Esta canção que ainda hoje acaso se ouve
No murmurio das arvores ao vento:

— «Gloria á eterna Belleza! eis-a que volta
Com o mesmo viço, a mesma mocidade!
Traz inda ao hombro a cabelleira solta,
Como a vi n'outra idade!

Sua doce presença a tudo anima,
Levanta os velhos, magicos ardores
Verte-nos n'alma, e o azul se cobre, acima,
De astros e o chão de flores.

Circule a seiva como uma corrente
Em meus troncos, meus rios se avolumem,
E crespos a rolar de novamente,
De novamente espumem;

Brotem, cresçam, levantem-se em meu seio
Monstros e vegetas; meus largos hombros
Kinjam, dos vendavaes que vão sem freio
Lutando com os assombros!

Subam ao sol meus cedros! entrem brutos
Os meus pés pela terra, e esta cabeça
Curva inda ha pouco, toda flôr e fructos,
Aos astros appareça!

Gloria á eterna Belleza! eis-a que volta,
E volta com ella a extincta mocidade!
Traz inda ao hombro a cabelleira solta,
Como a vi n'outra idade!

AS NOSSAS GRAVURAS

MARIA JUDICE DA COSTA

Maria Judice da Costa nasceu em 12 de junho de 1870. Conta, portanto, 19 annos. É filha do sr. Antonio Maria Judice da Costa, 2.º official do ministerio da fazenda, pertencente a uma das familias mais illustres do Algarve.

Desde creança mostrou logo uma tendencia extraordinaria para a musica, e em todos os seus estudos, tanto musicaes como litterarios, deu provas de talento não vulgar, sendo, no estudo de canto no Conservatorio, premiada em todos os annos do curso.

É a primeira alumna, desde que existe Conservatorio, que saiu d'aquelle estabelecimento em condições de seguir a carreira lyrica.

Estando no Algarve, e tendo apenas seis annos, deu-se em Portimão uma recita de creanças. Maria Judice, a pedido de varias pessoas, foi recitar a poesia de Thomaz Ribeiro, *A Judia*, sem uma hesitação, sem o menor acanhamento, o que lhe valeu uma calorosa ovação.

A primeira vez que cantou em publico, foi no concerto promovido pela imprensa em favor das victimas do theatro Baquet: tinha então 17 annos.

Em seguida, querendo o governo progressista promover um concerto em honra de Sua Magestade o Rei da Suecia, sollicitou a sua cooperação, a que ella annuiu, cantando a cavatina da *Semiramis*; e por tal modo se houve, que o Rei da Suecia mostrou desejos de a conhecer. Sendo chamada por Sua Magestade a Senhora D. Maria Pia á Tribuna Real, por isso que o concerto era de gala, foi pela augusta soberana apresentada áquelle monarcha, que lhe perguntou, admirado, se não ficava cansada, sendo tão nova, depois de cantar uma musica tão difficil.

Sua Magestade a Senhora D. Maria Pia tambem lhe fez grandes elogios, augurando-lhe um futuro brilhante na carreira lyrica.

Cantou depois em outros concertos de caridade, sendo sempre muito festejada.

A Academia Musical de Lisboa conferiu-lhe o diploma de socia honoraria.

Quando completou o curso no Conservatorio, cantou o difficil rondó da *Cenerentola*, e de tal modo, que mais de 500 pessoas que assistiam ao exame, romperam espontaneamente em bravos e palmas, sendo a sua despedida d'aquelle estabelecimento altamente commovedora.

O sr. Melchior Oliver, que foi seu unico professor, dedicou-lhe particular estima.

A estreia da novel cantora, na *Gioconda*, em S. Carlos, na noite de 31 de janeiro ultimo, foi auspiciosissima. Maria Judice da Costa obteve o applauso entusiastico de uma platêa inteira, que a consagrou artista.

O DUQUE DE MONTPENSIER

Tinha sessenta e seis annos incompletos de idade, pois nasceu em Neuilly a 31 de julho de 1824, o duque de Montpensier, Antonio Maria Philippe Luiz d'Orléans, general do exercito hespanhol, fallecido no dia 4.

O finado era filho de Luiz Philippe e da rainha Maria Amelia. Cursou o collegio Henrique IV até aos dezóito annos, idade em que, depois de fazer um exame especial, se alistou na arma de artilheria, como tenente.

Aos vinte annos partia para a Africa, incorporado na expedição contra Biskra, e portou-se como um heroe, distinguindo-se notavelmente na campanha de Ziban, onde foi ferido no olho esquerdo. Ganhou ali a medalha de ouro e a sua promoção a chefe de esquadra.

Regressando á Europa, acompanhou seu pae n'uma viagem á Inglaterra, e voltando á Argella, em 1845, distinguio-se no

A viúva e os seus filhos não se fariam enviar brinquedos às crianças pobres de Espanha, para que estas intercedessem, nas suas orações, em favor do rei, levantava palavras que nin-



O REI DE HESPAHIA

um milagre. A Hespanha não perdeu o seu rei *niño*, e a mãe desvelada não teve de ver a morte arrebatá-lhe o filho amantíssimo.

EMILIA CORSI

É uma das grandes atracções da presente epocha lyrica em S. Carlos, e a cantora querida do nosso publico.

Emilia Corsi nasceu em Lisboa, a 21 de janeiro de 1869 e foi baptizada na igreja do Loreto. Seu pae, o tenor Achilles Corsi, cantava então em S. Carlos, quando a pequenina veio ao mundo. Terminada a epocha, o artista deixou-nos, levando a filha, e só voltou a Lisboa seis annos depois. Novamente partiu em 1875, e mandou educar Emilia nos melhores collegios de Paris, Niza e Bolonha.

A gentil creança, mal acabou a sua educação litteraria, aos 17 annos, votou-se com nina tal perseverança ao estudo da musica, no intuito de seguir a carreira artistica, para a qual demonstrava desde creança a mais decidida vocação, que passado um anno debutava, a 14 de novembro de 1886, no theatro «Communale» de Bolonha, interpretando a parte de Michaela da *Carmen*, em que obteve o mais brilhante exito.

Animada por um tão bello successo, acceitou a escriptura que lhe prozeram para o theatro «Communale» de Faenza, onde fez a estação do Carnaval de 1887, cantando a *Dinorah*, que lhe valeu os mais calorosos applausos do publico. Seguidamente, fez-se a distincta artista ouvir, em julho do mesmo anno, em Genova, cantando a *Lucia* e o *Rigoletto* em recitas extraordinarias, e no mez de setembro em «Lago Maior» (Pallanza), onde cantou o *Fausto* com o tenor De Marchi, sendo em ambos os theatros entusiasticamente applaudida. Mais tarde, em novembro d'esse anno, debutou no «Lyceo de Barcelona», cantando com Marconi os *Puritanos*, onde conseguiu arrebatá-lo auditorio. Desempenhou mais n'esse theatro os *Huguenotes*, *Mignon*, *Hamlet*, *Lucia*, *Pescadores de Perolas* e *Carmen*, havendo-se de tal forma na interpretação dos papeis que lhe foram confiados, que isso lhe mereceu uma recondução para a primavera do seguinte anno.

Nesta occasião, porém, como devessem realizar-se no theatro «Communale» de Bolonha umas recitas extraordinarias, a empresa de Barcelona consentiu, depois de reiteradas instancias, que a festejada artista fosse cantar n'aquelle theatro, juntamente com Gayarre, os *Puritanos*.

De volta pela terceira vez a Barcelona, ali cantou o *Fausto*, *Puritanos*, e, por obsequio a Gayarre, a parte de Ignez da *Africana*.

No outono seguinte debutou em Napoles com a opera *Rigoletto*, creando ali o *Dominó negro* de Auber, e a parte de Virginia no *Paulo e Virginia* de Massé.

Com a *Traviata* terminou a nossa gentil compatriota a epocha lyrica em Napoles, onde tomou parte, ao todo, em 98 recitas com o mais inequivoco agrado do publico, sendo em seguida escripturada para o theatro de S. Carlos de Lisboa.

Eis aqui, em breves traços, a ininterrupta serie de triumphos da estudiosa e intelligente prima-dona, que mais de uma vez temos tido occasião de applaudir no nosso palco lyrico.

Emilia Corsi, a uma voz de soprano, vibrante, agradabilissima, d'uma egualdade irreprehensivel em todos os registros, d'uma segura afinação, e a uma intelligencia superior, allia um esplendido methodo de canto, para o qual, sem duvida, muito tem concorrido seu pae, o seu exclusivo professor.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA

Uma mulher bonita
Tinha por uma velhinha:

Quando algures a encontrava,
Sempre, sempre me apressava
A dar-lhe a minha esmolinha

Certo dia me constou
Que o chaile lhe espatifou.
De garotos um magote;
A' mendiga, coitadinha,
Dei p'ra ajuda uma carinha,
Para a compra d'um capote. 1

Andava pelas egrejas,
A nobres e collarejas
Cinco réisinhos pedias,
E todos, compadecidos,
Sempre lhe davam, condoidos
Da pobreza em que vivia. 1

Certo dia, ella esticou,
E nove centos deixou
A mendiga, o camapheu,
A um sobrinho patetola.
.....
Afinal, eu dava esmola
A quem tinha mais do que eu!...

MATHEUS JUNIOR.

LOGOGRIPHO

Por letras

Quem não fôr abalisado
Na arte de decifrar,
Fique já desenganado:
É prudencia não teimar!

Monstro inventado—5, 7, 4, 3, 6.
Herva amargosa,—3, 8, 7, 2.
Fructa gostosa,—1, 6, 4, 9.
Peixe do mar,—3, 4, 5, 6.
Reptil damnado,—2, 9, 3, 4.
Ave marinha,—3, 7, 4, 1, 4, 2.
Mosca damninha,—9, 4, 3, 4, 9.
Homem sem par!—3, 6, 3.

Somos loucos; tenham dó!
Sendo em toda a parte vistos,
Ora somos Monte Christos,
Ora pobres como Job.

Brazil.

EDUARDO R. LEITE.

Decifrações

DA CHARADA: Chorina.

O r e z
R o m a
E m i l
Z a l a

Lama—Mala
Topo—Pato
Gato—Toga
Neto—Tone.

A RIR

A queda do ultimo gabinete progressista causou um grande numero de decepções.

O sr. F. ... ficou contrariadissimo.

—Durante todo o tempo que os meus amigos estiveram no poder, disse elle a alguns, esperei sempre que me dessem um

Definição de sociedade anonyma, dada pelo commendador Antunes:

«Sociedade anonyma é aquella onde se fazem coisas que não tem nome»

Entre bohemios:

—Oh! Os credores! Raça damnada e infame!...

—Homem, não digas isso. Acho da mais revoltante ingrati-dão tratares assim umas creaturas a quem deves tudo!...

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA LIMPAR LUVAS

Quem não quizer empregar a benzina na limpeza das luvas, porque o cheiro d'ella repugna a muitos, pôde usar da seguinte receita: Dissolve-se regular quantidade de sabão branco em leite fervendo, juntando-se por cada meio litro do liquido uma gemma de ovo batida.

Calça-se a luva e limpa-se com um panninho fino de lã, humedecido n'aquelle liquido.

Estando a luva limpa, é pendurada, para seccar, na sombra. Luvas brancas nada perdem com este processo; ficam limpas e a pellica conserva-se molle e fresca.

INVOCACÃO AO SOL

(Fragmento)

Hostia de luz esplendida! patente
Perante os povos em perpetua missa!
Tu, que és de Deus o espelho resplendente,
Throno de gloria e séde de justiça,

Se apagares nos ceus teu facho enorme,
Suspensa a vida no labor interno,
Tu verás como a terra logo dorme,
Entre as sombras da noute em somno eterno.

Seja pois o meu canto um desafogo
Da nossa gratidão, astro jucundo!
Coração formosissimo de fogo
Que em nome do Senhor dá vida ao mundo!

E prosegue no carro deslumbrante
A derramar teus bens por mundos novos,
Que, enquanto vês na marcha triumphante
Canticos, festas, alegria e povo,

Eu deslumbrado ainda co'os vestigios
Da tua luz, de tantas cousas bellas,
Louvarei o author de taes prodigios
Sob esse mundo esplendido d'estrellas!

MANUEL D'ARRIAGA.

OS PECEGOS

mãã camoeza, largas risadas cantantes; depois o abbade—o diabo do abbade!—comilão insaciavel, um bucho que eu sei lá... e que já lhe tinha dito na vespera:

—Ora eu sempre quero vêr esse jantar!...

E ainda, com a mãe, a morgadinha dos Trigaes, tão fresca, tão boa rapariga, tão amiga d'elle!...

Por isso o doutor dizia á creada:

—Ai Gertrudinhas, eu quero isto como um brinco! Como um brinco, filha!

O que mais o affligia, porém, eram os pecegos...

—Ora como diabo hei-de eu arranjar isto, não fazem favor de me dizer?...

Tres fructos magnificos, aquelles: Tres pecegos enormes, alourados, pennugentos!...

A arvore nascia ao meio do quintal, entre couves gallegas de folbas verdes, rendilhadas, e d'uma margem de hortelã pimenta, cortada por um fiosinho d'agua, que sabia do tanque e atravessava a horta, embalando-a com mi! murmurios. Na primavera tinham-lhe nascido tres florinhas delicadas, d'uma cor de rosa muito esbatida, e immediatamente o doutor a rodeára de cuidados, cavando a terra em redor, matando sem piedade o bezouro mais innocente que se atrevesse a passeiar n'aquelle sitio, aquecendo-se ao sol do bom Deus.

Que eu nunca vi velhote mais contente! Uma alegria santa esfusiando em risadas, bebendo sempre pingas d'um vinho velho que possuia arrecadado no fundo d'adega.

Setenta annos saudaveis e alegres. Gostava de contar historias galantes...

O outono corria lindo. Os dias amanheciam azues, limpidos, serenos, aqueridos por um sol temperado que amadurecia lentamente a fructa pelas arvores—e o doutor espreitava a todos os momentos a fructeira, olhava com admiração os pecegos enormes, magnificos, que a luz, trespassando-os, fazia d'um oiro soberbo...

A' noite, depois da regalada ceia, enfiava-se na cama, satisfeito com a frescura do linho dos seus lençoes, apagava a luz, atabafava se bem e punha-se a discutir com a sua propria pessoa, para conciliar o somno, o caso grave e interessante de se deveria ou não convidar para o jantar em que se comeriam os pecegos, o seu excellente amigo abbade d'Arnozella.

Nada! E se elle come a fructa toda?

E revolviam-se na cama, afflicto com aquella lembrança. Mas logo se recordava com alegria das excellentes historias e chalaças que o seu amigo, para regalo de ambos, tinha por costume contar á sobrezeza.

—E' o diabo aquelle homem! E' o diabo!

E ria-se com vontade á simples recordação d'aquellas pilherias tão ricas, d'aquelles casos galantes sobre que versavam de ordinario as palestras do jantar.

—Mas se o homem come os pecegos? Com um bucho como o d'elle!... —perguntava bocejando, com o somno um bocadinho espertado.

—A'manhã resolverei.

Mas os pecegos é que não podiam esperar muito: iam de dia para dia amadurecendo mais; tornavam-se alourados, enormes, e as manchas vermelhas pareciam, á luz do sol, tres grandes nodos de sangue.

—E amanhã! Convido o abbade, ponho dois pecegos na meza para que elle não possa comer senão um, e o terceiro guardo-o para mim só.

E exclamava, olhando os fructos já maduros, excellentes, parecendo prestes a rebentar muito cheios de summo.

—Que ricos!

A cosinha tinha um aspecto alegre e confortavel com a sua grance chaminhé onde se defumavam os paos do Alemtejo e os presuntos saborosos, e fazia gosto vêr a ordem, a symetria, o modo porque a Gertrudes dependurava os grandes tachos de cobre luzentes, dispunha as caçoilas vidradas, e encastellava a um canto as assadeiras enormes, a contrastarem com a verdura dos louros.

N'aquelle dia, porém, tudo estava fora dos seus logares, e a velhota, inquieta, formigando, ralhava com a creada, provava o arroz muito lourinho e levemente tostado por cima, dispunha ao redor do bombo de porcos pequeninas rodellas de limão, en-

E empurrava familiarmente o doutor, que provava como entendido um mólho já preparado.

—Bom, bom... Eu vou até ao quintal... Olhe: dê cá esse prato de louça da Índia para trazer os pecegos.

E ia a sair contente, quando a criada lhe perguntou:

—Já sabe que vieram uns noivos passar uns dias á aldeia? Estão em casa da D. Genoveva.

—Uns noivos! olá!...

E, assaltado de repente por uma idéa brejeira, foi pulando ás risadas pelo quintal adiante.

—Uns noivos!... Ih! Ih!...

O dia estava lindissimo: perfumado pelas flôres silvestres, dourado pelo sol que punha scintillações de cobre antigo na fo-

Cabiram-lhe silenciosamente as lagrimas pelas faces afogueadas, e, aos soluços, aos soluços, deixou-se cabir n'um banco de pedra que alli havia.

«Tinha-lhes dedicado todos seus cuidados, toda a sua ternura! Na primavera de lhe terem nascido as florinhas, quantas afflicções não tivera por causa d'ellas? Quantas vezes, altas horas da noite, não acordára estremunhado, julgando ouvir o estalejar da saraiva nas vidraças?... E para quê todo aquelle trabalho, todos aquelles incommodos?...»

Mas uma risada fresca, vibrante, crystalina, soou do lado do campo.

As lagrimas seccaram-se-lhe, levantou-se d'um pulo, e vagarosamente, arrastando-se cheio de precauções, aproximou-se



EMILIA CORSI

lhagem verde das arvores; n'um campo fronteiro duas vaccas pastavam pachorrentas, e o quintal, com o pomar cuidadosamente tratado e a agua brilhando como um espelho ao sol, tinha um aspecto encantador.

—Devem estar bons! murmurou.

E seguiu pensando na belleza, no aroma d'aquelles fructos sem equal.

—Até appeteco comel-os!

Abriu a navalha e dirigiu-se radiante para a arvore, com um sorriso de satisfação nos labios vermelhos.

—Vamos a isto!

Mas de repente estacou, a physionomia transtornada, deixou cair o prato da fatiada louça, agitou os braços n'um de-

da sébe de trepadeiras em flôr, que serviam de divisão, e olhou...

—Os noivos!

Effectivamente, sentados na relva, á sombra d'um carvalho, os noivos acabavam de comer o ultimo pecego, e pelo chão rolavam ainda os caroços muito vermelhos, em sangue, da fructa que tinham roubado.

Então o doutor, cheio de despeito, desfazendo entre as mãos tremulas as flôres da trepadeira a que se encostava, berrou pulando de raiva:

—Ladrões! Ladrões!

E, na janella da sala do jantar, o abbade, que tinha chegado n'aquelle momento, gritava, rindo ás gargalhadas:

—Ladrões! Ladrões! Ladrões!